

# A vergonha e o orgulho em *memes* sobre a leitura

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3331>

**Jeniffer Aparecida Pereira da Silva<sup>1</sup>**  
**Luzmara Curcino Ferreira<sup>2</sup>**

## Resumo

De modo a contribuir com os estudos dedicados à leitura e às formas como essa prática é comumente referida entre nós, apresentamos, neste artigo, uma análise de enunciados peculiares, coletados junto a *memes* de internet que abordam o tema da leitura e nos quais se evocam certas emoções quando se fala acerca dessa prática. Observamos, com base em princípios da Análise do discurso, da História cultural da leitura e da História das sensibilidades, que a “vergonha” e o “orgulho” relacionados à condição leitora compõem as emoções prototípicas constitutivas dos discursos sobre a leitura mais frequentemente atualizados em *memes* nacionais e contemporâneos.

**Palavras-chave:** discursos sobre a leitura; *memes*; emoções; vergonha; orgulho.

---

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [jeniffermaps@gmail.com](mailto:jeniffermaps@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0003-2384-3943>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [luzcf@ufscar.br](mailto:luzcf@ufscar.br); <https://orcid.org/0000-0003-3555-1446>

## The shame and the pride in *memes* about reading

### Abstract

In order to contribute to the studies about reading and the ways in which this practice is commonly referred to among us, we present in this article an analysis of peculiar statements collected from internet memes that address the theme of reading and in which certain emotions are evoked when talking about this practice. We observe, based on principles of discourse analysis, cultural history, and history of sensibilities, that “shame” and “pride” related to the reading condition compose the prototypical emotions constitutive of the discourses about reading most frequently updated in national and contemporary memes.

**Keywords:** discourses about reading; memes; emotions about reading; shame; pride.

### Introdução

A leitura, como outras práticas, é tema de discursos, alguns bastante consolidados, duradouros e consensuais que determinam o dizível a seu respeito e, por extensão, afetam o seu exercício. O fato de nos considerarmos ou não leitores, a maneira como exercemos essa prática e os julgamentos que emitimos sobre os outros a propósito da leitura deriva de nossa exposição frequente a esses discursos insuspeitos (cf. CURCINO, 2016, 2018) que, em nome da promoção dessa prática e da valorização daqueles que leem, justificam e naturalizam as hierarquias sociais que nos separam. Esses gestos e concepções são regulados em conformidade com certas representações mais prototípicas a respeito dos sujeitos que leem ou não, ou que creem ler mais e melhor ou menos e pior do que efetivamente o fazem. Essas formas de “ser leitor” e de se “reconhecer como leitor” respondem, portanto, a discursos sobre a leitura que circulam em nossa sociedade e que nos dizem, de diversas formas, todos os dias, quem somos como leitores e como devemos agir para sê-lo de fato, em conformidade com as formas idealizadas e institucionalizadas de exercício desta prática.

É com vistas a analisar uma das especificidades destes discursos sobre a leitura que, neste artigo, nos dedicaremos a tratar de um modo peculiar de se referir a essa prática e a si próprio como leitor, concernente à expressão de certas emoções. A análise que aqui apresentamos inscreve-se no conjunto das pesquisas realizadas pelos membros do LIRE-Laboratório de Estudos da Leitura (UFSCar/CNPq)<sup>3</sup>, voltadas justamente para a

---

3 Este trabalho resulta da pesquisa de mestrado intitulada *Discursos sobre a leitura em memes: a “vergonha” e o “orgulho” de ser leitor*, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, com o apoio do Programa de Bolsas Demanda Social da CAPES.

análise de discursos sobre a leitura, e vincula-se ao projeto geral de pesquisa atualmente em curso, intitulado *Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura*<sup>4</sup>, concebido com o objetivo de depreender o que, em geral, se diz sobre a leitura e quais seriam as emoções normalmente materializadas quando falamos dessa prática ou de nós mesmos como leitores. O objetivo geral do referido projeto é o de responder que papel desempenham as emoções e quais efeitos de sentido produzem na relação entre os discursos sobre a leitura e as práticas dos sujeitos daí derivadas.

Com a análise de *memes* que abordam o tema da leitura, o objetivo deste artigo é o de apresentar as formas de representação leitora que mobilizam as emoções do orgulho e da vergonha. Os leitores, nos *memes*, ao falarem de si e dos outros o fazem de maneira orgulhosa ou de maneira envergonhada, em conformidade com um dado protocolo previsto no âmbito dos discursos sobre a leitura, tal como abordaremos aqui.

Nossa escolha pela análise de *memes* parte da hipótese de que esse tipo de produção, por visar produzir humor, é ocasião propícia para a enunciação dessas emoções da “vergonha” e do “orgulho”. Afinal, o humor é campo ideal para a exploração sobretudo da “vergonha”, e em especial da “vergonha alheia”, já que, entre outras especificidades, convoca estereótipos, explora o exagero, atualiza preconceitos, em nome do rir de si ou do “outro”.

Além de ser um gênero relativamente novo, o *meme* se caracteriza por sua inserção no campo do humor. No que diz respeito a sua produção, destaca-se sua capacidade de repetição<sup>5</sup>, de replicação do que se enunciou originalmente em outro registro e com outra finalidade e sob a forma de outros gêneros, que retorna destacado do texto original, separado de seu contexto, subvertido em parte quanto a seu sentido porque retorna sob a égide da crítica e do humor. No que diz respeito a sua circulação, ele dispõe de capacidade de viralização, de circular rápida e amplamente, garantindo sua pregnância, ou seja, sua memorização. Esses traços do *meme* se consolidam, entre outras características, graças à difusão de tecnologias relativamente recentes de produção de textos e de seu compartilhamento, e de grande repercussão especialmente entre os mais jovens. Dadas

---

4 Este projeto geral, sob a supervisão da professora Luzmara Curcino, conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (processo 2020/03615-0).

5 A repetição é um traço fundamental deste gênero, tal como afirma o autor a quem se atribui a criação do nome *meme*: “Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. ‘Mimeme’ provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com ‘memória’, ou à palavra francesa *même*.” (DAWKINS, 2001, p. 214).

essas suas características, o *meme* emerge como um tipo de enunciado<sup>6</sup> particularmente promissor na reprodução e difusão de discursos.

Ao propormos a análise de *memes* que têm por tema a leitura, nosso objetivo é o de deprender o que em geral se reitera sobre essa prática, com especial atenção para o apelo a certas emoções, como a do “orgulho” e a da “vergonha” relacionadas à condição de ser ou não leitor.

Dos 115 *memes* que constituíram o *corpus* geral de nossa pesquisa, apresentamos aqui uma breve amostra de 5 *memes*, representativos das formas regulares mobilizadas pelos enunciadores na produção de *memes* cujo mote é a leitura. Para seu levantamento, recorremos a uma série de repositórios e acervos constituídos mais recentemente sobre esse gênero, realizando uma busca genérica em buscadores de redes sociais mais populares, como o Pinterest, Twitter, Facebook e o Instagram. Utilizamos algumas palavras-chave, com variações de sua combinação, tais como, leitura, leitor, *meme*, livro, utilizando diferentes *hardwares*, em diferentes datas e com diferentes usuários, de modo a potencializar os resultados das buscas e sua representatividade do que em geral se enuncia sobre a leitura e sobre os leitores em *memes*. Realizamos a busca de julho de 2019 a julho de 2020. Não restringimos a coleta a *memes* produzidos em um período específico e predeterminado, nem a páginas e redes sociais específicas. Essa busca mais genérica nos levou a dados dispersos em diferentes redes sociais, dedicadas ou não exclusivamente à divulgação de *memes*. Entre essas redes sociais, algumas se especializaram tanto no gênero quanto no tema, dedicando-se a compilar e divulgar *memes* sobre a leitura. Isso nos permitiu observar, na comparação de diferentes *memes* provenientes de diferentes redes sociais, especializadas ou não no tema, o potencial do tema para a produção de *memes*, bem como a regularidade na forma de abordar humoristicamente, nesse gênero, o tema da leitura.

Para sua análise, apoiamo-nos em princípios da Análise do discurso, em especial aqueles concernentes às contribuições de Michel Foucault (1999), relativas à sua reflexão sobre a “ordem dos discursos”, bem como princípios da História cultural da leitura, derivados da obra de Roger Chartier (1990, 1998). No que concerne à relação entre os discursos e as emoções, nos valem das considerações de Jean-Jacques Courtine (2016) provenientes da História das emoções. Já em relação às emoções a propósito da leitura, nos inspiramos em Pierre Bayard (2007) e Márcia Abreu (2001, 2008), fundamentadas pelas reflexões acerca da vergonha e do orgulho em relação à leitura, tal como abordadas por Luzmara Curcino (2019a, 2022).

---

6 A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são imensas, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se desenvolve e se complexifica a própria esfera (BAJTÍN, 1982, p. 248).

## Os livros que lemos e os que não lemos: vergonha e orgulho de ser leitor

A alusão a certas emoções responde a protocolos discursivos: “não é qualquer emoção que se enuncia quando se fala da leitura ou de si como leitor, nem de qualquer modo” (CURCINO, 2022, p. 5) e, ainda segundo a autora, as emoções mais frequentemente evocadas em textos em que se tematiza a leitura são a “nostalgia”, o “orgulho” e a “vergonha”. Em função do tipo de texto, do meio em que circula e do público que se visa, pode-se explorar com mais frequência e de modo peculiar uma ou outra dessas emoções.

Pierre Bayard (2007), em seu livro *Como falar dos livros que não lemos*, reflete sobre algumas divisões simplificadoras entre a leitura e a não-leitura, entre o leitor e o não-leitor. Essas divisões são por nós, em geral, concebidas como evidentes, óbvias tamanha nossa familiaridade com os critérios compartilhados socioculturalmente sobre a naturalidade dessas dicotomias, sobre seu valor de verdade. Ele demonstra de forma crítica, em tom anedótico, e valendo-se de exemplos ficcionais de obras da literatura consagrada, uma série de nuances que se encontram entre essa polarização tão evidente, e que a relativizam sobremaneira.

Pierre Bayard (2007) aborda pelo menos três consensos gerais que compartilhamos acerca da leitura e que vigoram em sociedades letradas do Ocidente, tal como a nossa. O primeiro deles refere-se à necessidade de ler (é preciso ser leitor numa sociedade em que a escrita adquiriu papel distintivo e hierarquizante dos indivíduos na relação entre eles); o segundo dos consensos refere-se à necessidade de se ler sempre, muitos textos (de modo a se integrar a uma sociedade da informação e da ostentação da condição de ser bem (in) formado); o terceiro consenso refere-se à necessidade de se falar do que se leu e de se mostrar publicamente leitor (não de qualquer modo). (CURCINO, 2016, p. 234).

A inadequação de uma afirmação sobre a leitura em relação a esses consensos gerais, pode ser avaliada como a prova da não-leitura, o que por si só, em nossa cultura, é algo condenável. Disso decorreria a imposição do sentimento de vergonha e culpa em relação a essa prática, a todo aquele que não se identifica com a imagem idealizada do que é ser leitor e que desconheça ou não empregue os protocolos discursivos do dizível a esse respeito.

Bayard (2007), muitas vezes em tom irônico, afirma buscar contribuir para destigmatizar leitores envergonhados, que se consideram não-leitores em função dos discursos dominantes sobre a leitura e das representações do leitor ideal, com as quais não se identificam. Para isso, ele não apenas demonstra ser muito comum a prática de se falar de livros que não se leu, como também apresenta exemplos ficcionais que podem fornecer

instrumentos para se enunciar adequadamente acerca dessa prática em diferentes circunstâncias do convívio social em que se é compelido a falar da leitura ou de si como leitor. No artigo intitulado "Um leitor sem vergonha: Como falar dos livros que não lemos", Márcia Abreu (2008, p. 5) observa que "o trabalho de Bayard trata de tudo o que está envolvido na avaliação que fazemos de um livro e de como somos avaliados a partir daquilo que afirmamos ter lido e do que dizemos sobre aquilo que afirmamos ter lido."

Segundo um princípio geral e caro aos estudos discursivos, o conjunto de coisas ditas e reiteradas em um dado espaço-tempo sobre uma prática ou sobre os sujeitos que a exercem constitui um consenso e assim atua como um norte quanto ao que pode e deve ser dito a esse respeito. Por essa razão, o modo como nos avaliamos em nossa relação com a leitura se deve a esse consenso compartilhado a propósito dessa prática.

Não sem razão, tanto Bayard (2007) quanto Abreu (2008) nos lembram que o livro que temos em mãos, que lemos (ou não), nunca se limita ao livro físico que efetivamente folheamos, interpretamos, avaliamos. Diferentemente disso, ele é o resultado de uma combinação de representações, de discursos que circulam entre nós e que precedem o ato mesmo de sua leitura, sendo decisivos para o modo como interpretamos e como nos constituímos e nos sentimos leitores. Segundo Abreu (2008, p. 5):

Talvez por isso Bayard (2007, p. 107) afirme: "falar de um livro tem pouco a ver com a leitura". O livro não é nunca o objeto real da situação de enunciação: nós falamos, de fato, de um autor, de um assunto, a um determinado público que queremos agradar, em função de expectativas que, frequentemente, têm pouco a ver com o conteúdo mesmo do livro. Diz o autor: "o livro é menos o livro do que toda uma situação de fala na qual ele circula e se modifica". (BAYARD, 2007, p.133).

Poderíamos, tomando emprestada a descrição do "jogo de imagens" a que Michel Pêcheux (2016) faz referência, afirmar que estamos sempre diante de imagens: da imagem que cada sujeito concebe a seu respeito ao falar de algo, a um outro; da imagem que cada sujeito faz do outro para quem fala desse algo; enfim, da imagem que faz acerca daquilo de que falam. Esse jogo de imagens afeta diretamente o que dizemos e o modo como o fazemos. Assim, o que dizemos sobre um livro, sobre a leitura, sobre nós como leitores, e o modo como lemos, responde a essas imagens que compartilhamos sobre esta prática, sobre este objeto, sobre o que é ser leitor, sobre o lugar que pensamos ocupar e que imaginamos que os outros ocupam no interior da cultura letrada ou de prestígio. Todas essas imagens não equivalem diretamente às coisas do mundo, à sua realidade efetiva. Elas resultam, testemunham e participam de sua construção simbólica. Elas derivam de sua condição histórica, que lhes impõe tanto uma certa inércia, continuidade, quanto uma certa mobilidade, descontinuidade. Estão sujeitas, por isso, a alterações que podem afetar tanto o lugar simbólico ocupado pelo livro na economia cultural de nosso tempo

quanto o *status* de seu autor, segundo as regras que caracterizam o funcionamento do próprio “campo literário”, conforme definido por Pierre Bourdieu (1974).

Assim, o valor de uma prática, de um objeto, do sujeito que a exerce e que o produz ou consome depende do funcionamento de uma dada economia simbólica, instaurada histórica e culturalmente. Esse valor se impõe a nossas escolhas, a nossas avaliações, a nossas maneiras de agir, como também a nossas maneiras de sentir.

As avaliações e os julgamentos que constituímos e que sabemos incidir sobre nós participam do que sentimos. No caso da leitura, somos instados a corresponder às imagens validadas culturalmente, o que nos leva a medir nossa adequação em relação a essas avaliações e julgamentos, e assim sentirmos orgulho ou vergonha de quem somos, do que fazemos em relação à leitura e junto a uma comunidade leitora dada.

Um dos discursos sobre a leitura que perdura em nossa cultura é aquele da valorização dos livros cujas obras e autores são considerados clássicos. Todo sujeito, ao falar de si como leitor, sabe da importância de ter de se afirmar leitor seja pagando o tributo à leitura dos clássicos e se beneficiando do prestígio de tê-lo feito, seja justificando-se quanto a seu déficit de não ter lido ou de não ter gostado de obras consagradas.

Os clássicos nos chegam às mãos anunciados em sua relevância e apresentados como um ponto a se atingir e uma meta que deve ser cumprida no campo da erudição. Dessa forma, os clássicos trazem consigo ecos quanto ao modo ideal segundo o qual devem ser lidos.

O lugar ocupado por esses livros na cultura bem como o lugar ocupado por aqueles que escreveram sobre eles traz consigo uma pressão relativa à leitura certa a ser realizada a propósito desses livros. *Pior ainda, traz consigo a vergonha de declarar que, eventualmente, não lemos um livro tido como clássico.* Ítalo Calvino também aborda essa questão em suas definições de clássico, ao dizer que “os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo...’ e nunca ‘estou lendo...’” O prefixo antes do verbo “pode ser uma pequena hipocrisia por parte dos que se envergonham de admitir não ter lido um livro famoso. Para tranquilizá-los, bastará observar que, por maiores que possam ser as leituras de formação de um indivíduo, resta sempre um número enorme de obras que ele não leu. (CALVINO, 2004, p. 9 *apud* ABREU, 2008, p. 5, grifo nosso).

O repertório de obras que cada cultura, a seu tempo, consagra como essencial a ser lido atua instituindo as fronteiras afetivas de nossa identificação como leitores. É nossa maior ou menor familiaridade com esse repertório que, segundo Curcino (2019a, 2022), ocasiona o orgulho de ser leitor, e com ele o sentimento de fazer parte de um grupo

distinto e seletivo, ou a vergonha de não ter lido certos títulos ou de ser leitor daqueles que não dispõem da mesma valorização cultural, do mesmo prestígio adquirido e atribuído a certos autores, gêneros e obras.

Tendo em vista as diversas situações embaraçosas em que podemos nos encontrar quando temos de falar da leitura de certos livros que não lemos, outros que lemos e esquecemos, outros que lemos e não compreendemos ou daqueles que lemos e de que não gostamos, o que, conforme os discursos consensuais sobre a leitura, não pode ser revelado, ou ao menos não pode ser declarado de qualquer maneira, a recomendação de Bayard (2007) é a de não termos vergonha, sobretudo se soubermos que essas situações constrangedoras em relação à leitura são mais comuns do que imaginamos. O que ele revela ironicamente é que, justamente em função dessas sanções discursivas, muitos leitores se valem de uma série de subterfúgios para não ter de se revelar como não leitores de alguns autores e obras ou como leitores ingratos ou menos competentes que não gostaram do que leram, não entenderam ou se esqueceram do que leram. O autor denuncia a hipocrisia que, em geral, vigora na tutela do que podemos e devemos dizer sobre nós como leitores. Segundo o autor, tomar ciência disso pode livrar os sujeitos de eventuais traumas que essas situações delicadas de ter de falar de si como leitor, sem estar seguro de corresponder à imagem idealizada, podem dar origem.

O que nos interessa particularmente dessa reflexão é o fato de ela aludir ao papel discursivo de emoções como a vergonha na produção dos discursos e na condução de nossas práticas de leitura. Nas seções a seguir, apresentaremos uma breve análise de *memes* sobre a leitura em cujos enunciados nos deparamos com formas de expressão da vergonha e do orgulho de ser leitor.

### **Leitor “raiz” lê mesmo é livro impresso!**

No *meme*, apresentado na Figura 1, nos deparamos com a alusão às formas de escrita e de leitura conforme dois regimes contemporâneos de produção e circulação dos textos, a saber, aquele dos textos sob a forma digital e aquele dos textos sob a forma impressa, articulados ao fetiche da quantidade de livros, ou seja, ao sonho da estante/arquivo repleta/o de publicações.



**Figura 1.** Arquivos digitais ou estantes abastadas de livros?



**Fonte:** Página Mundo dos Livros no Instagram<sup>7</sup>

Neste *meme*, são mobilizadas representações bem contemporâneas da leitura, relativas propriamente à forma material dos textos e, particularmente, dos livros. Entra em cena o valor simbólico de seus suportes. Também vemos aqui manifesta a apologia da quantidade: ter muitos livros segundo essa representação equivaleria como um atestado da condição de leitor ideal. Neste *meme*, em sua formulação, o produtor se vale de um outro, anterior, já conhecido, que viralizara antes deste, fornecendo assim o mote e a forma para a produção de outros, como o que aqui se apresenta.

Essa forma *memética*, geradora de outros memes, consiste na reprodução do enunciado verbal “Se não me quis assim, não me procure quando eu estiver assim”, acompanhado de duas imagens, em geral fotografias, que representariam um antes e um depois, relativos a sujeitos que teriam se modificado, ao longo do tempo, e para melhor, seja do ponto de vista físico, da aparência, seja no âmbito financeiro ou profissional etc. A comparação proposta pelo enunciado verbal e mostrada pelas duas imagens pode ser baseada em mudanças que impliquem a passagem de um estado do qual se poderia ter vergonha a um estado do qual se pode e se deve ter orgulho.

De fotografias de indivíduos, em seu antes e depois, se multiplicaram as fotografias de animais, de objetos e também de situações, valendo-se da mesma lógica comparativa, e segundo a qual a imagem representativa do “vir a ser” conteria a melhor versão, a

---

<sup>7</sup> Disponível em: [www.instagram.com/mundo\\_dos\\_livros\\_s2/](http://www.instagram.com/mundo_dos_livros_s2/). Acesso em: 15 set. 2020.

prova incontestável de uma melhoria de estado, de condição, de situação. O humor que caracteriza a produção de *memes* resulta muitas vezes das comparações esdrúxulas de estados bastante antagônicos, quando se apresenta uma versão inicial muito discrepante daquela da versão final ou, ao contrário, quando se ironiza essa própria lógica dos *memes* construídos neste formato, mantendo o enunciado verbal, mantendo a estrutura comparativa entre duas imagens que representam dois estados diferentes, mas não apresentando, como esperado, um segundo estado em que se observe realmente uma melhoria em relação ao primeiro. Em vários exemplos, se explora humoristicamente uma evidente piora em relação ao estado inicial. É essa quebra de expectativa a fonte do humor.

No caso do *meme* da Figura 1, prima-se menos pelo humor subversivo e mais pela exposição de uma representação bastante tradicional da leitura. Trata-se da apresentação de uma pasta de arquivos digitais, localizados imageticamente como o “antes”, e de uma estante repleta de livros, como o “depois”. Embora haja neste caso uma inversão quanto à lógica temporal, quanto à cronologia dos acontecimentos, já que a estante de livros impressos deveria preceder a pasta de arquivos de livros digitais, que correspondem à versão mais atual dos formatos de livros em circulação, o que se visa enfatizar não é tanto o humor resultante da composição de duas imagens, articuladas a um enunciado verbal, que produziriam um estranhamento dada uma discrepância sensível, e engraçada, no estabelecimento de comparação entre dois estados divergentes. O que se vê reiterado aqui é um discurso bastante consensual sobre a leitura, segundo o qual o leitor, o leitor ideal, o verdadeiro leitor é aquele que lê livros impressos, que adquire livros impressos, que coleciona livros impressos, que prioriza essa forma material em detrimento da forma contemporânea dos livros digitais. Há um apelo à memória e ao valor simbólico dos livros impressos, de sua posse e acúmulo, discurso este em disputa com outro que também dispõe de certo prestígio hoje em dia, a saber, aquele do acesso ilimitado, multiplicado, facilitado, rápido, ecológico (diriam alguns) e mais econômico a um volume impressionante de títulos e autores por meio de um simples *click*.

Nessa disputa, o valor simbólico dos livros impressos tem levado vantagem. Prova disso é a emergência de certas práticas de ostentação virtual de livros impressos que atuam como pano de fundo dos vídeos de *booktubers*. Uma delas é conhecida como *bookshelves tours*, ou seja, a apresentação detalhada dos livros impressos que compõem suas bibliotecas pessoais, que atuam como cenários desses vídeos, durante os quais o leitor revela suas escolhas de títulos e autores, suas motivações para sua aquisição, bem como os modos de organização dessas estantes repletas de livros e de outros objetos ligados à cultura dos fãs, como bonecos de personagens, réplicas de objetos mencionados nas narrativas etc. Trata-se de uma forma de ostentação do orgulho de ser leitor, e particularmente de ser um leitor-alfa, um leitor modelo ou ideal no quadro de uma

comunidade de leitores específica<sup>8</sup>. A apresentação dos livros impressos, que se adquire, que se acumula e com os quais se constitui sua própria biblioteca é uma das formas frequentes de se representar como leitor orgulhoso de sê-lo<sup>9</sup>. Reitera-se nesse *meme* o fetiche do livro impresso, assim como a representação segundo a qual ser leitor implica ter muitos livros à moda antiga.

## **As emoções ao ler: reações e estados de espírito do leitor**

Entre os *memes* que abordam o tema da leitura, há aqueles que se referem às emoções suscitadas ao se ler certos textos. Nestes, não estamos diante, tal como analisamos no *meme* anterior, das emoções do orgulho ou da vergonha de ser ou não ser leitor, de cultivar e de compartilhar certos gostos e hábitos de leitura dos quais se orgulhar ou se envergonhar junto a uma determinada comunidade leitora. Estamos diante de uma outra lógica que relaciona leitura e emoções<sup>10</sup>. Trata-se da lógica segundo a qual o que se lê pode nos comover e, em sendo um bom leitor, necessariamente essa potencialidade do texto se realiza. Uma vez comovidos com textos que visam à comoção, e uma vez sentida uma das emoções previstas por seus autores e adequadas aos gêneros dos textos, se pode assim se representar como sendo um verdadeiro leitor, capaz de responder afetivamente da forma adequada e conveniente às emoções visadas pela obra ou texto lidos, às emoções esperadas diante de um determinado gênero ou da idiossincrasia de um autor, às reações emotivas comuns previstas entre leitores de uma dada comunidade, e que, reagindo emotivamente em consonância com o que é esperado, confirmam seu pertencimento, sua adesão e adequação a esta comunidade<sup>11</sup>.

---

8 Sobre este último aspecto, cf. Parise, Curcino e Rosin (2016), em sua análise de *vlogs* literários e das representações como leitores sustentadas por seus produtores.

9 Um exemplo dessa prática de ostentação de livros é aquele analisado por Curcino (2020b), no âmbito da política, por personalidades como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

10 Na pesquisa de Curcino (2019a) sobre as emoções em relação à leitura, tal como esta que realizamos e que nela se inscreve, nosso interesse não é abordar as emoções que a leitura de certos gêneros pode acionar nos leitores em relação às narrativas e seus personagens. Tal como constatou a autora, há uma série de importantes e relevantes trabalhos sobre essa temática das emoções que a leitura das obras desperta nos leitores. Embora este não seja nosso objetivo, nestes *memes* sobre a leitura das Figuras 2a e 2b, é possível depreender representações dos leitores que remetem a discursos hegemônicos sobre esta prática, e relacioná-los ao orgulho de se identificar com essas representações.

11 Um exemplo dessas comunidades leitoras cujos membros assumem acordos tácitos quanto ao modo de ler e de comentar o que se leu é aquela de leitores de obras do segmento popular feminino, com seus romances “água de rosas” conforme Izique e Curcino (2015), ou com aqueles do segmento *Chick-Lit*, conforme, Guerra, Curcino e Andretta (2014).

Nos *memes* das Figuras 2a e 2b, são representados certos “estados de espírito” que em geral são suscitados quando se lê, quando se é verdadeiramente leitor ou quando se lê certos gêneros que, por sua vez, pressupõem certas finalidades anímicas. Como em geral é próprio da construção composicional dos *memes*, em ambos os exemplos se mesclam as linguagens verbal e imagética na sua composição.

**Figura 2.** a) Os 4 estados de espíritos do leitor. b) As reações de um leitor



**Fonte:** a) Página do Twitter<sup>12</sup>; b) Página de *blog*<sup>13</sup>

Em ambos, as representações imagéticas das diferentes expressões faciais e gestos corporais representados pelas personagens rememoram maneiras de reagir consideradas prototípicas de quem é leitor, de quem é “verdadeiramente” leitor. No primeiro *meme*, algumas das representações de gestos de leitura parecem equivaler àquelas da leitura para formação e informação, que exigem compenetração, atenção, dedicação e que pressupõem reações emotivas mais contidas, expressões de curiosidade e interesse que inspiram respeito. Ainda neste primeiro *meme*, alguns gestos parecem remeter à leitura para entretenimento, aquela que desperta emoções específicas, de indignação, como no caso do gesto da personagem Lula molusco, do desenho animado do Bob esponja. No segundo *meme*, as “reações” se multiplicam, e parecem remeter mais explicitamente, todas elas, à leitura de obras para entretenimento, ficcionais, sejam elas de aventura, de suspense, de romance, e que definem formas distintas de reagir emotivamente, em relação à maior parte daquelas do *meme* da Figura 2a.

Nos gestos de leitura representados na Figura 2b se explora a intensidade de seus movimentos que refletiriam, assim, sentimentos também intensos provocados pela

<sup>12</sup> Disponível em: [www.instagram.com/mundo\\_dos\\_livros\\_s2/](http://www.instagram.com/mundo_dos_livros_s2/). Acesso em: 10 jul. 2020.

<sup>13</sup> Disponível em: [www.interagindoufmg.wordpress.com](http://www.interagindoufmg.wordpress.com). Acesso em: 10 set. 2020.

leitura. Em todos os quadros desses dois *memes*, seja com personagens distintas, seja com a mesma personagem, estamos diante de cenas de leitura bastante convencionais e que frequentam nosso imaginário. Todas as personagens leem livros impressos. Todas estão representadas individualmente e realizando leitura silenciosa e solitária. Todos se comovem com o que leem, uns mais contidamente, outros de forma mais exacerbada. Algumas usam óculos, índice frequente em representações de quem é leitor e lê muito e sempre. Nenhuma das personagens é indiferente emocionalmente ao que lê.

De modo geral, essa é uma representação dos leitores cuja história se relaciona ao processo de individualização que, desde o século XVII, tem se intensificado e que, especificamente em relação à leitura, adquiriu força no século XVIII europeu, com a expansão da produção dos livros, de sua maior acessibilidade e maior circulação, aliada à progressiva ampliação da alfabetização<sup>14</sup>. Boa parte dos discursos sobre a leitura e sobre o leitor que compartilhamos hoje em dia remontam a esse período histórico quando da consolidação desses consensos ao longo do século XIX, tal como afirma Abreu (2001).

As representações dos leitores mobilizadas nesses dois *memes* também retomam diferença com que homens e mulheres têm sido representados historicamente como leitores<sup>15</sup>. Os primeiros são sistematicamente representados como leitores que buscam nos livros formação e informação, as segundas como quem busca com a leitura se divertir, evadir da realidade. Embora as personagens do *meme* da Figura 2a não necessariamente sejam do gênero masculino, ainda assim elas parecem ecoar essa divisão de gênero, quando se encontram representadas lendo em cenas que se assemelham à prática da leitura para se informar e se formar, o que não parece ser o caso das cenas e gestos de leitura da personagem feminina da Figura 2b, cujas reações emotivas remetem à leitura de obras ficcionais, que exigem e fomentam esse entusiasmo, essa entrega, essas formas intensas de fruição e de adesão às emoções ficcionalizadas nas narrativas.

Nos dois *memes*, a representação dos modos de se emocionar com a leitura são formas relativamente convencionais de se ostentar a condição leitora, de se mostrar como leitor, seja pela expressão contida, seja pela expressão intensa desses sentimentos suscitados ao ler. Nos dois casos, estamos diante de maneiras de demonstrar orgulho de ser leitor, tanto por parte dos produtores dos *memes* quanto por parte daqueles a quem foram dirigidos esses *memes*, que compreendem prontamente o que neles é enunciado, que se identificam, e por isso se reconhecem nesse repertório de cenas emotivas de leitura.

---

14 Cf. Lyons (2001) e seu estudo sobre a consolidação dos públicos leitores feminino, do operariado e infantil, na segunda metade do século XIX, na Europa.

15 Para uma análise detalhada dessa diferença de representações leitoras norteadas pelo gênero, cf. Curcino (2020a).

## Da vergonha à humilhação de não ser leitor

A historiadora Claudine Haroche (2017), em seu texto “Le sentiment de Humiliation: dégrader, rebaisser, détruire”, aborda as diferentes formas históricas e culturais de construção discursiva da “humilhação” e sua distinção em relação à “vergonha”. Entre a humilhação e a vergonha se pode observar uma diferença de grau. A primeira é vivida de forma mais dolorosa do que a segunda, embora ambas sejam potencialmente emoções sociais que impactam sobre a identidade daqueles que as vivenciam, podendo resultar “em traumas sociais com ação inibidora, intimidadora das ações do sujeito e de sua emancipação subjetiva e social”, como observado por Curcino (2018, p. 122).

Haroche (2017) distingue as formas de lidar com a vergonha e com a humilhação. Para ela, o indivíduo suporta a vergonha, seja por meio da resignação ou da emancipação de que ela foi ocasião. Já em relação à humilhação, não haveria para onde o sujeito se retirar. A humilhação pode, a seu ver, destruir o sentimento de pertencimento, de identificação do sujeito, pode com isso impedi-lo de vir a ser, seja pela incitação à revolta sem foco, seja pela prostração diante do dano irreversível que ele sente quanto a sua imagem. Assim, o sentimento de humilhação, mais intensamente que o de vergonha, pode perpetuar segregações e estigmas duradouros em nossa sociedade.

No que diz respeito à leitura, a humilhação e a vergonha encontram muitas vezes lugar nos discursos sobre a leitura, e por vezes é difícil distingui-las, senão apenas por algumas nuances. Nos exemplos de dois *memes* a seguir, essas nuances se fazem sentir.

**Figura 3.** a) Exposição à vergonha; b) Exposição à humilhação



**Fonte:** a) Página do Twitter<sup>16</sup>; b) Página do Twitter<sup>17</sup>

16 Disponível em: <https://twitter.com/memeshu3br>. Acesso em: 15 jan. 2021

17 Disponível em: <https://twitter.com/memeshu3br>. Acesso em: 17 jan. 2021.

Nas Figuras 3a e 3b, nesses dois *memes*, ambos baseados em um mesmo *meme* de origem, talvez possamos constatar aí a exploração dos sentimentos de vergonha e de humilhação dirigidos àqueles de quem se fala.

No primeiro, a articulação principal para a construção do *meme* se dá entre os dois enunciados verbais, aquele do *meme* de base “Vocês chamam isso de literatura?”, e aquele acrescentado pelo produtor do *meme* atual “Daí tu vai ver os livros dos *youtubers*”. Dessa articulação se depreende a imposição da vergonha alheia, dirigida criticamente a um certo grupo de leitores, os *youtubers* que, em função dos livros que constam em suas estantes usadas como cenários de seus vídeos, ou das obras e autores que comentam, eles não seriam considerados leitores-modelo, leitores ideais, entre outras razões por não estarem inclusas obras consideradas literárias, clássicas, consagradas como “alta” literatura. A imagem, de um fotograma retirado do filme infantil *Meu malvado favorito*, é amplamente usada na confecção de *memes*. Neste caso, no entanto, seu papel parece ser um tanto secundário, a não ser se considerarmos que o personagem original, Gru, é mal-humorado e excessivamente franco. O produtor do *meme* projeta nele um enunciador que se identifica como o leitor de verdade e que por isso pode e deve criticar as práticas e as escolhas de leitura dos *youtubers*, e o faz sem preocupação de parecer chato, mal-humorado ou excessivamente franco. Isso porque se sente resguardado simbolicamente nessa tradição discursiva altamente seletiva e hierarquizada do que é digno declarar como leitura legítima.

No segundo *meme*, a crítica se dirige a um indivíduo específico, e não mais a um grupo, como no primeiro. Para essa crítica com alvo certo, a imagem sofre uma edição, um acréscimo, uma trucagem. Neste segundo *meme*, a imagem tem papel decisivo, ela é efetivamente explorada do ponto de vista da produção dos sentidos. A alteração feita na representação do personagem Gru, ao qual se acrescentou uma barba branca, alude a um indivíduo específico, bastante conhecido em âmbito nacional, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa remissão imagética a um indivíduo depende ainda de sua relação com o epíteto verbal constantemente atribuído ao ex-presidente: o de analfabeto. O acréscimo dos sinais de interrogação em torno da personagem enfatiza a sua representação como aquele que, por ser analfabeto, não saberia sequer o que é literatura.

No enunciado do primeiro *meme* “Vocês chamam isso de literatura?”, a pergunta é retórica e irônica; no segundo *meme*, ela é formulada para produzir o efeito de equivaler, de fato, a uma pergunta, a uma dúvida, a um não sabido, e isso porque essa dúvida é atribuída a alguém que, segundo o ponto de vista explorado argumentativamente pelo produtor/enunciador do *meme*, não é leitor, não sabe ler, não lê. Este texto não é o único, nem o primeiro e último a representar o ex-presidente Lula como não leitor, outorgando-lhe o epíteto de analfabeto. Longe de esta ser uma constatação factual, já que Lula não é analfabeto, essa designação revela antes o preconceito compartilhado em nossa

sociedade direcionado a diversos grupos. A pecha de analfabeto é um dos estigmas socioculturais mais perversos e humilhantes em uma sociedade letrada<sup>18</sup>.

Em ambos os *memes* há um pressuposto compartilhado do que se designa por “literatura”, compreendida como conjunto de textos e autores consagrados e de circulação institucionalizada. Os não-leitores de literatura do primeiro *meme* (Figura 3a) não equivalem aos não-leitores de literatura do segundo *meme* (Figura 3b). Os primeiros são representados como leitores, embora se critique derrisoriamente o que leem. Os segundos são representados como não-leitores, porque sequer sabem ler, mas mais do que isso sequer sabem o que é literatura. Os primeiros não são os excluídos do direito à leitura, não fazem parte do grupo das pessoas que desde cedo são alijadas desse direito. Eles leem, eles podem ler, eles têm acesso a livros e se sentem suficientemente empoderados para comentá-los publicamente, ainda que se lhes aponte, como fonte ou motivo de vergonha, terem os livros que têm, lerem o que leem e gostarem do que gostam de ler. A vergonha recai sobre um aspecto de sua ação, sobre suas escolhas do que ler, aspecto este que pode ser revertido, uma vez que dispõem dos meios para tal.

Não se pode dizer o mesmo em relação ao efeito produzido no segundo *meme*, na Figura 3b. Nele, o sujeito referido, e todos aqueles que ele representa, são lembrados de seu lugar de não-leitor absoluto. São aqueles que não leem porque não sabem ler. São aqueles que não tiveram acesso sequer à formação básica para, caso quisessem ler, pudessem exercer essa prática ou esse direito. Conforme constatou Curcino (2019b), o uso ofensivo da designação “analfabeto”, tanto para o ex-presidente, quanto para aqueles que ele representa, reside na tradição hierárquica de nossa sociedade e no seu funcionamento da reprodução das lógicas de classe<sup>19</sup>, para a qual os atributos culturais (ser ou não alfabetizado e ser ou não leitor) são um mecanismo insuspeito para justificar essas hierarquias. O apelo a esse epíteto de “analfabeto”, mais do que impor uma vergonha ao outro com ele designado, é da ordem da humilhação, ou seja, do rebaixamento do outro em função de ele ser o que se diz que ele é, condição esta que não dependeria apenas do indivíduo para ser revertida, por se tratar antes de uma condenação social, de uma negação de um direito, sequer reconhecido como tal por parte de sujeitos como os responsáveis pela formulação deste segundo *meme*. Nestes dois *memes*, estamos diante da expressão de uma vergonha alheia, da imposição desse sentimento de vergonha de não ser leitor ao outro do qual o enunciador se afasta e em relação a quem ele se desidentifica. Os produtores destes dois *memes* ostentam seu orgulho por meio do contraste com o que afirmam daqueles que são representados como exemplos de não-leitores. Esses *memes* convidam seus leitores a se identificarem com a posição assumida por seus enunciadores: a de leitores orgulhosos que em grupo têm o direito de rir dos não-leitores.

---

18 Para exemplos de análise da exploração reiterada dessa pecha de analfabeto na representação do presidente Lula em textos da mídia nacional, cf. Curcino (2019b, 2021).

19 Sobre esse conceito de “reprodução”, cf. Bourdieu (1974).



## Considerações finais

Ao analisarmos a expressão do orgulho e da vergonha indiciada nessa pequena amostra de *memes* que abordaram o tema da leitura, verificamos que o orgulho de ser leitor e a vergonha imposta ao outro por não sê-lo – ou por não sê-lo como deveria – caminham juntas. Os enunciadores dos *memes*, para demonstrarem seu orgulho quanto a sua identificação com os discursos sancionados positivamente sobre a leitura e com as representações consensuais do que é ser um verdadeiro leitor, recorrem muitas vezes à imposição da vergonha alheia. O outro com quem o enunciador orgulhoso de ser leitor se desidentifica, e de quem se afasta, é representado de maneira bastante caricatural como sendo um não-leitor, que deve se envergonhar de sua condição e que gera vergonha alheia naquele que é leitor. Na construção dos *memes* que abordam o tema da leitura, dada sua atualidade, sua desinstitucionalidade, sua produção espontânea e desierarquizada, assim como sua finalidade crítica e humorística, observamos a evocação do orgulho e da vergonha de forma mais frequente e também dicotômica e maniqueísta, nas formas de representação dos leitores. Essas emoções são constitutivas, portanto, dos discursos sobre a leitura. Tendo em vista o papel indutor dos discursos em relação a nossas práticas, é fundamental compreendermos seu funcionamento, o papel das emoções na constituição desses discursos, de modo a podermos mais bem intervir na formação dos leitores, a partir da análise e porque não da denúncia sistemática, fundamentada e crítica de certos consensos sobre a leitura e das hierarquias entre os sujeitos que eles tantas vezes sustentam.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. Um leitor sem vergonha: como falar dos livros que não lemos. *Revista CEALE: Língua Escrita*, n. 4, 2008.

ABREU, M. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

BAJTÍN, M. M. El problema de los géneros discursivos. In: BAJTÍN, M. M. *Estética de la creación verbal*. Ciudad del México: SigloVeintiuno, 1982. p. 248-293.

BAYARD, P. *Como falar dos livros que não lemos?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CHARTIER, R. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1998. p. 95-111.

CHARTIER, R. *A história Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editorial, 1990.

COURTINE, J.-J. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (org.). *(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 15-29.

CURCINO, L. Leitores orgulhosos, Leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura. *Álabe – Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura*, Red Internacional de Universidades Lectoras – Espanha, n. 25, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7695>. Acesso em: 04 fev. 2022.

CURCINO, L. Discurso, política e leitura: O que diz a mídia brasileira sobre FHC e Lula em relação a suas práticas leitoras. In: ARNOUX, E. N. de; BECKER, L.; DEL VALLE, J. (org.). *Reflexiones glotopolíticas desde y hacia América y Europa*. Berlim: Editor Peter Lang, 2021. p. 607-618.

CURCINO, L. La femme qui lit: stéréotypes sexistes dans les représentations de Dilma Rousseff en tant que lectrice dans les médias au Brésil. *Textes et contextes [Online]*, Bourgogne-França, n. 15, v. 2, dez 2020a. Disponível em: <http://preo.u-bourgogne.fr/textesetcontextes/index.php?id=2935>. Acesso em: 22 ago. 2021.

CURCINO, L. Médias et politique: les presidents comme lecteurs. In: DONOT, M.; SAMOUTH, É.; SERRANO, Y. (org.). *Les médias en Amérique Latine: dire et construire l'actualité latino-américaine*. Paris: L'Harmattan, 2020b. p. 77-91.

CURCINO, L. *Das emoções nos discursos sobre a leitura: uma análise dos modos de expressão da "nostalgia", do "orgulho" e da "vergonha" na voz de leitores*. [Projeto de Pesquisa 2019-2022], 2019a. [mimeo].

CURCINO, L. Discursos sobre a leitura: do elogio ao insulto na construção do perfil leitor de políticos. In: HOSSNE, A. S.; NAKAGOME, P. T. (org.). *Leitores e leituras na contemporaneidade*. Araraquara: Letraria, 2019b. p. 112-128. Disponível em: <https://www.lettraria.net/leitores-leituras/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CURCINO, L. *Divisões e representações sociais de leitores no Brasil: uma análise de discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros*. [Relatório científico de Pós-Doutorado 2016-2018]. Campinas: UNICAMP/ Versalhes: Université Versailles Saint Quentin en Yvelines, 2018. [mimeo].

CURCINO, L. Discursos hegemônicos sobre a leitura e suas formas de hierarquização dos leitores. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (org.). *(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

DAWKINS, R. *O Gene Egoísta*. Itatiaia, 2001.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GUERRA, P. P.; CURCINO, L.; ANDRETTA, P. *A construção do ethos do leitor chick-lit em "Melancia" de Marian Keyes*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Linguística) - Departamento de Letras, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. [mimeo].

IZIQUE, N.; CURCINO, L. *Romances populares de ontem e de hoje: uma análise discursiva de livros da coleção "Júlia", "Sabrina" e "Bianca"*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Linguística) - Departamento de Letras, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. [mimeo].

HAROCHE, C. Le sentiment d'humiliation : dégrader, rabaisser, détruire. In : CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (org.). *Histoire des Émotions: de la fin du XIXe siècle à nous jours*. Paris: Seuil, 2017. p. 343-363.

LYONS, M. *Readers and society in nineteenth-century France: workers, women, peasants*. Original Palgrave: Houndsmills, 2001.

PARISE, A.; CURCINO, L.; ROSIN, P. *Entre o didático e o cool: formas de apresentação de obras literárias em vlogs*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2016. [mimeo]

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.